

ELEIÇÃO DOS MEMBROS DO CONSELHO GERAL DA UNIVERSIDADE DE AVEIRO
06 DE JUNHO DE 2017

PROGRAMA DE CANDIDATURA

COLÉGIO: Professores e Investigadores

CIRCUNSCRIÇÃO: D

LISTA: *Juntos Somos a Voz da UA*

▪ **RAZÃO DE SER DA CANDIDATURA**

O Conselho Geral é o órgão máximo de governo das universidades detendo uma ampla gama de competências, incluindo funções de reflexão e supervisão. Compete ao Conselho Geral: aprovar alterações dos Estatutos; organizar o procedimento de eleição e eleger o Reitor; apreciar os atos do Reitor e do Conselho de Gestão; propor as iniciativas necessárias ao bom funcionamento da instituição; aprovar o plano estratégico de médio prazo e o plano de ação para o quadriénio do mandato do Reitor; aprovar as linhas gerais de orientação da instituição no plano científico, pedagógico, financeiro e patrimonial; criar, transformar ou extinguir unidades orgânicas; aprovar os planos anuais de atividades, a proposta de orçamento e as contas anuais consolidadas; apreciar o relatório anual de atividades; fixar as propinas; propor ou autorizar a aquisição ou alienação de património imobiliário.

A eleição de um órgão com tais competências reveste-se de grande importância para a UA, que deve preparar-se cuidadosamente para tal. O próximo ato eleitoral marcará o início de um novo ciclo na vida da instituição. À semelhança do que aconteceu em ciclos anteriores, o novo Conselho Geral será chamado a pronunciar-se quanto às linhas de orientação que determinarão o nosso futuro. Por mais confiança que o passado e o presente da UA justificadamente nos inspirem, é da maior importância preparar esse nosso futuro.

Sentimos que para isso era conveniente criar espaços de debate e acumular assim um capital de reflexão que mais tarde ajudasse a corporizar a função do Conselho Geral enquanto órgão estratégico da UA. Nesse sentido, criámos um Movimento de reflexão como nova maneira de pensar a UA: ouvir a comunidade quanto ao futuro de forma a construir um compromisso coletivo. Como o futuro da UA diz respeito a todos, o movimento manteve-se aberto a toda a academia: estudantes, bolseiros e investigadores, docentes e não docentes.

Depois de uma reunião geral, aberta e muito participada, o Movimento visitou departamentos e escolas da UA para ouvir e prestar a cada unidade orgânica a atenção adequada. Estas reuniões permitiram-nos identificar temas recorrentes e temas mais específicos, próprios de uma unidade ou de um grupo de unidades. No sentido de aumentar a transparência e a utilidade do processo, fomos divulgando as principais linhas de ação que iam surgindo dessas reuniões. Construir um projeto de futuro coletivo, participado e plural requer comunicação ao longo de todo o percurso – e não apenas no ponto inicial ou final.

A matéria assim apurada pareceu-nos relevante para o futuro da instituição e em consequência disso achámos pertinente avançar com uma lista de candidatos ao Conselho Geral. O referencial do programa de candidatura da lista parte dos temas debatidos nas várias reuniões. A base programática não podia ser mais sólida, porque pensamos representar a vontade da própria comunidade — uma comunidade atenta, exigente e crítica, com a qual tem sido um privilégio descobrir e sustentar novos caminhos.

▪ **PRINCÍPIOS ESTRUTURANTES**

Pessoas

As pessoas são o motor do sucesso do projeto UA. Numa perspetiva humanista e inclusiva, a atenção às pessoas, o absoluto respeito pela sua dignidade e igualdade — incluindo, naturalmente, a igualdade de género — deverão ser prioritários e determinantes. A coesão institucional, o sentido de comunidade e a capacidade de mobilizar a instituição, cruciais para a construção do futuro, dependem da atenção que se prestar às pessoas: estudantes, bolseiros e investigadores, docentes e não docentes.

Comunicação

Uma comunidade constrói-se e mantém-se comunicando. Na verdade, a comunicação é uma preocupação antiga na UA, o que não surpreende: qualquer instituição que atravesse períodos de crescimento rápido deverá manter a comunicação na agenda. A comunicação, interna e externa, em todas as suas vertentes, será sempre fundamental para uma UA inclusiva, inspiradora, coesa e cidadã, e terá efeitos na participação e no estabelecimento de uma cultura de proximidade.

Diferenciação

Portugal não é grande. A globalização, que nos traz novos mercados e oportunidades, também reduz as distâncias e nos confronta com novos concorrentes. Reforçar a marca UA requer uma permanente atenção à manutenção da nossa identidade — a nível do ensino, da investigação e da cooperação — uma identidade sustentada na diversidade das áreas disciplinares e na integração dos subsistemas universitário e politécnico.

Qualidade

Para se afirmar, a marca UA tem que ser sinónimo de qualidade. A UA deve procurar níveis de qualidade e de satisfação dos seus membros cada vez maiores, em todas as vertentes da sua missão. Para isso importa criar mecanismos para acompanhar as trajetórias institucionais e dispor de formas de as corrigir, se tal se revelar necessário, qualquer que seja a vertente da missão da UA envolvida.

A visão que decorre destes princípios é a de uma instituição atenta às pessoas, envolvente, que comunica e que cultiva a proximidade, que promove o sentimento de pertença e de comunidade, que busca a diferenciação e a qualidade em todas as vertentes da sua atividade.

▪ **DESAFIOS**

Um novo paradigma de universidade

Durante séculos o acesso ao conhecimento foi privilégio de uma minoria. A transmissão do saber dependia de um número reduzido de mediadores a quem cabia preparar as gerações de sábios. O saber assim adquirido mantinha-se atual ao longo da vida dos protagonistas. Hoje, os estudos superiores estão ao alcance de uma importante fração da população, a marcha do progresso torna a formação ao longo da vida imprescindível para todos os protagonistas e é possível aceder a grande parte do conhecimento acumulado pela humanidade a partir de qualquer dispositivo digital. O paradigma da Universidade guardiã de conhecimento imutável tornou-se insustentável.

A valorização do conhecimento

Numa economia baseada no conhecimento, a riqueza de um país depende mais da sua capacidade de gerar e aplicar conhecimento que dos seus recursos naturais. Por serem agentes de criação e transmissão de conhecimento, as Universidades desempenharão um papel central nesse processo. Uma economia baseada no conhecimento é uma economia alicerçada na educação e nas pessoas. Isto coloca novos desafios formativos, que se traduzirão em perfis de formação abrangentes que também desenvolvam a capacidade de empreender e de inovar. Impõe-se discutir um novo contrato social para as Universidades, cuja centralidade no processo de transição para a economia baseada no conhecimento tem de ser inequivocamente afirmada.

A aposta na interdisciplinaridade

Os desafios de hoje são complexos e para os vencer é necessário criar equipas multifacetadas que combinem várias áreas do saber. A diversidade cultural tenderá a aumentar com a mobilidade crescente. Trabalhar e comunicar nesse ambiente exigirá sensibilidade social e humanística. Ciência, engenharia, tecnologia e matemática surgirão associadas, com frequência crescente, às artes, humanidades e ciências sociais. A complexidade, que nos convida a graus de interdisciplinaridade crescente, coloca às Universidades desafios relativos à profundidade e transversalidade da formação e à melhor forma de convocar e articular diferentes áreas do saber.

Mobilidade e globalização

Numa sociedade cada vez mais interligada, a mobilidade adquire expressão crescente. Os profissionais e os estudantes movem-se entre instituições e entre países. As Universidades acham-se perante públicos e concorrência globais. O pequeno palco no qual a Universidade clássica pensava e agia está a ser substituído por um palco à escala planetária, em que as tecnologias da comunicação podem ajudar a vencer barreiras espaciais ou temporais e disponibilizar o conhecimento a ritmo flexível. As Universidades terão de se afirmar neste mercado de talento à escala global e nele procurar o seu espaço, criando novas formas de comunicação com os seus públicos.

A cidade, a região e o mundo

As Universidades do século XXI atuarão num mundo globalizado mas fisicamente próximas de uma região ou regiões, com as quais terão condições para manter uma relação privilegiada. A maioria das Universidades situam-se em zonas urbanas que têm sofrido alterações drásticas e profundas – quer demográficas, quer económicas. As Universidades contribuirão para a sua transformação e transformar-se-ão com elas, em ciclos de valorização mútua. A influência das Universidades sentir-se-á ao nível da cidade, da região e do mundo. O crescimento com os desafios locais preparará tanto a região como a Universidade para os desafios à escala global. A UA do século XXI e a região de Aveiro do século XXI são indissociáveis.

Sustentabilidade

A sustentabilidade é e continuará a ser uma preocupação central em toda a atividade humana. Avançar em qualquer domínio comprometendo a sustentabilidade significa hipotecar o futuro. É necessário formar profissionais despertos para a importância da sustentabilidade, qualquer que seja a sua esfera de ação: energia, transportes, ambiente, saúde, educação, ou outras. As Universidades dever-se-ão constituir como modelos de sustentabilidade, ajudando a moldar mentalidades pela formação e pelo exemplo.

▪ EIXOS PROGRAMÁTICOS

O Conselho Geral é um órgão ao qual incumbe promover a construção de uma visão estratégica para a UA, aprovar os documentos que a materializem e zelar para que essa visão oriente o desempenho dos órgãos de gestão. Não lhe cabendo desenhar programas de ação nem interferir na gestão corrente, deve contudo definir um conjunto de eixos programáticos que balizem o desenvolvimento da UA, que indiquem às futuras candidaturas a Reitor as grandes linhas que orientarão os critérios de seleção e de avaliação da sua ação futura. As candidaturas do movimento *Juntos Somos a Voz da UA* propõem à comunidade académica os seguintes 7 eixos estratégicos.

Construir com a comunidade uma estratégia para a UA

Partindo de um passado que nos orgulha e sustentados num presente que nos dá força, o Conselho Geral deverá perspetivar o futuro numa visão estratégica construída e interiorizada por toda a comunidade, que antecipe como é que a UA poderá contribuir para satisfazer as necessidades da ciência e da sociedade na próxima década, tendo em conta as suas valências atuais no ensino e na formação de cidadãos, na investigação, inovação e transferência de conhecimento. Esta visão estratégica deverá ser a diretriz para as tomadas de decisão a mais curto prazo no que diz respeito ao desenvolvimento das infraestruturas e equipamentos, à gestão dos recursos humanos, à agilização dos processos e ao aumento da eficiência do funcionamento organizacional, mas também no estabelecimento de parcerias a nível regional, nacional e internacional.

Por uma UA coesa e diversa

O sucesso do projeto UA depende em primeiro lugar das pessoas. A coesão institucional, o sentido de comunidade e a capacidade de mobilização são os elementos fundamentais para

que as competências, a criatividade e a vontade de cada um confluam num caminho comum em que o mérito individual, avaliado de forma criteriosa e inclusiva, se conjugue com o esforço coletivo, a diversidade enriqueça o caminho comum e a discussão aberta seja o instrumento de construção de objetivos consensualizados. A necessidade de formação para todos os que integram e asseguram a estrutura operacional da instituição deverá ser uma constante. A coesão e a diversidade só se poderão conjugar com a necessária eficiência se a UA tiver um sistema de garantia de qualidade adequado às diversas valências da sua atividade, construído com a participação de toda a comunidade. A comunicação interna deverá ser uma prioridade e um instrumento para uma UA inclusiva, inspiradora, coesa e cidadã. A transparência das decisões da UA e a sua publicitação devem ser promovidas, tal implicando a revisão e atualização dos sistemas de informação da UA. O aprofundamento da comunicação dentro da comunidade UA deve ser acompanhado de uma maior participação nos processos de tomada de decisão, assim como da valorização do papel fundamental dos alunos e funcionários, tanto ao nível individual como ao das suas estruturas organizativas. O princípio de igualdade de condições para o desempenho de iguais funções e, em particular, a igualdade de género deverá ser cuidadosamente considerado a todos os níveis na UA. A esmagadora dominância masculina nos cargos de Diretor das Unidades Orgânicas é um caso flagrante que deverá ser corrigido.

Consolidar a estrutura matricial

A UA orgulha-se da sua estrutura matricial, que promove a fluidez da interação das suas unidades orgânicas e facilita o desenvolvimento de soluções flexíveis e multidisciplinares para problemas e programas complexos. No entanto, a manutenção desta estrutura só é compatível com o crescimento e o aumento da diversidade da UA se existirem órgãos de coordenação horizontal que garantam a atribuição eficiente de recursos e confirmem coerência às políticas pedagógicas, científicas e de interação com o exterior. Em particular, é necessário ter em conta a natureza binária da UA e encontrar as melhores soluções que conjuguem a especificidade com a complementaridade dos dois subsistemas, prestando especial atenção para o papel das Escolas Politécnicas na qualificação da economia regional e reconhecendo que essa vocação específica se deve refletir no modo como os seus membros devem ser apoiados e avaliados.

Por uma oferta de ensino com a marca UA

A UA construiu a identidade da sua oferta formativa criando cursos e promovendo estratégias de ensino que foram pioneiros no país. Refiram-se, a título de exemplo, os cursos de Engenharia Eletrónica e de Telecomunicações ou de Engenharia do Ambiente, assim como a lógica de aprendizagem baseada em projetos desenvolvida pela ESTGA. É necessário que no futuro continuem a surgir cursos inovadores, que afirmem uma diferença, mas também que os cursos em áreas bem estabelecidas sejam reconhecidos pela existência de traços próprios, inspiradores e diferenciadores. A defesa da identidade da oferta formativa da UA deve ser assumida a todos os níveis, o que implica uma estratégia interventiva junto dos Agentes de Acreditação e Avaliação, que os sensibilize para a diversidade e lhes mostre que a standardização não é uma condição necessária para a qualidade. O ensino do futuro deve formar profissionais que valham pelo que sabem mas, mais ainda pelo que são capazes de

fazer e pela forma como se integram e interagem em ambientes interdisciplinares. A melhoria da eficácia no ensino deverá ser reforçada por um modelo de tutoria mais globalizante que englobe o aconselhamento de carreira ou sugestões reforçadas da ligação dos estudantes de todos os ciclos de estudo à investigação e à cooperação com a sociedade. Repensar permanentemente a oferta formativa nos moldes acima apontados, criar as estruturas adequadas e assegurar a formação contínua dos recursos humanos, devem ser linhas estruturantes da ação da UA e objeto da observação crítica do Conselho Geral.

Por uma investigação de fronteira e socialmente útil

A UA angariou um elevado prestígio como centro de investigação de excelência, que conjuga a capacidade de contribuir para o avanço da ciência fundamental e da fronteira do conhecimento com uma tradição de produzir tecnologia e informação capaz de ser rapidamente absorvida pela sociedade, nos domínios da engenharia e das ciências naturais, mas também nas humanidades, artes e ciências sociais. Deveremos estar na vanguarda da formação de grandes grupos interdisciplinares, com suficiente massa crítica, competências e fundos que possam ser inovadores ao nível de Portugal e ganhadores ao nível de projetos internacionais. É necessário potenciar a elevada qualidade da investigação desenvolvida na UA mediante o reforço de recursos inerentes à investigação, apostando nas carreiras de investigador, bem como de pessoal de apoio e gestores de ciência. É também importante que as diversas unidades de investigação tenham acesso a um conjunto de instrumentos de gestão de que atualmente as UI mais pequenas não podem dispor, por forma a aumentar a coesão institucional, reduzir as assimetrias e possibilitar a todos o acesso a patamares mais elevados de desempenho. Os benefícios do cruzamento de competências das diversas UI multiplicam-se quando estas se articulam em estruturas colaborativas flexíveis e leves. O sistema politécnico, por seu lado, deve complementar o espectro da investigação na UA, melhorando em particular a sua capacidade de interagir com a sociedade.

Uma UA para a região e o país

Para que seja um fator determinante na construção de uma verdadeira economia do conhecimento, a UA deve formar profissionais tecnicamente competentes mas que sejam também empreendedores, inovadores e movidos pelo desejo de transformar a sociedade. Por sua vez a investigação, não descurando a sua dimensão fundamental, deverá ser orientada para a qualificação do tecido económico envolvente, para a promoção de uma sociedade mais coesa e inclusiva e para o desenvolvimento da capacidade de olhar o futuro com um sentido estratégico e com base em informação e sistemas de apoio à decisão. A UA deverá ser capaz de equilibrar a sua ação como agente de promoção local de uma economia de conhecimento, tendo o Parque de Ciência e Inovação como instrumento fundamental para este objetivo, com uma ação alargada ao território nacional estruturada em redes de cooperação, na linha do conceito de Laboratórios Cooperativos. Deverá também refletir sobre o sistema de incentivos e infraestruturas de apoio, necessários à motivação individual e à eficiência da ação coletiva.

A UA no mundo globalizado

A qualidade da ação da UA e dos seus membros será o fator decisivo que condicionará a capacidade de intervenção e afirmação num mundo globalizado. É necessário desenvolver as estruturas de apoio que facilitem o desenvolvimento das redes internacionais de cooperação e a inserção em projetos de investigação ganhadores num ambiente competitivo cada vez mais exigente. É necessário reforçar as redes de intercâmbio de alunos e professores e investigadores, mas também de quadros técnicos e administrativos, que reforcem a posição da UA e facilitem a fertilização cruzada de experiências, conhecimentos e competências. É ainda necessário atrair alunos de todo o mundo, que contribuam para a sustentabilidade financeira da UA mas, que, acima de tudo, sejam futuros nós da rede global onde a UA tem de estar bem posicionada. É necessário, por fim, que a UA ajude o país a atrair investimentos qualificantes nas áreas da indústria, dos serviços criativos e da inovação social.